

Enquanto escrevo e não escrevo, pergunto-me se me perdi do fito de palavrar o novo trabalho de Marta Ubach que dá pelo nome de São Sebastião da Pedreira, e se trata de uma giraldinha de óleos pintados sobre fotografias pelo bairro que a viu nascer - crescer, minguar, crescer outra vez - e é a sua morada alfacinha, o seu bairro do amor e da desgraça, da solidão e da aprendizagem, da harmonia e do conflito. Temos sempre que começar por algum lado: esquerdo, direito, verso, avesso. Mas não começar pode ser uma forma de repúdio da acção, ou melhor, do resultado da acção quando praticada sem fundamento evolutivo, o que pode ser coisa importante se pensarmos bem (por exemplo, na importância da relação amistosa com os vizinhos... e as mulheres) ou uma desculpa de quem disfarça o que não sabe inventando frases arrumadas. Eu, por exemplo, não invento se disser que repudio o Sebastião, não o da Pedreira, que me viu nascer (crescer ainda não cresci, e fico-me por aqui), mas o malvado que na minha infância era sinónimo de lambada se porventura sofresse de fastio. Para bem dos meus pecados, fui (sou) homenzinho de boa boca e o Sebastião comigo nunca fez farinha. Com a Marta passa-se o mesmo: com ela ninguém faz farinha. É que a arte para fazer arte do nada (ou do nada aparente) não lhe saiu na farinha Amparo. A Marta, se se ampara nalguma trave ou bengala, é nisso de olhar para o banal (por exemplo, um quarteirão de casas que caem aos bocados ou de janelas esventradas como velhas sem dentes) e desse *banal* ver maravilhas, ainda que o objecto mirado se aparente com um mono ou estafermo. Marta é uma princesa da terra do sempre e mora numa casa habitada por anjos, faunos, ondinas... e escroques, estafermos e outras corjas que a sua complacência, ternura e ironia fazem coabitar num convívio ululante. Marta não perde tempo com ninharias e esta inovação técnica na curva do seu tirocínio (óleo sobre fotografia de Jaime Vasconcelos) é apenas uma forma de melhor plasmar a dupla realidade que nos enforma: a do que está à vista e não se vê e a do que não se vê porque nos falta a vista. Saímos, todavia, dos seus quadros pessoas melhores como lhe sai cada vez mais fina e firme a mensagem onírica com o passar dos anos e o que vai criando. É que quando Marta sonha, a obra nasce e o mundo fica um lugar habitável.

Tiago Salazar
Abril 2005, Lisboa.

Jaime Vasconcelos fotografa cenários da cidade, a realidade urbana, podendo assim redescobrir histórias escondidas no espaço em que vivemos.

Estas fotografias oferecem-nos cenários e ambientes do dia-a-dia, a sua luz natural mistura-se com as cores de Marta Ubach, a pintora desenha e pinta sobre as fotografias, cria novos personagens dentro das imagens. Existe, no entanto, uma forte ligação entre o espaço que pertence à nossa realidade e simultaneamente ao nosso sonho.

Porém, este conjunto de trabalhos mostra mais do que isso, Jaime deixa-nos sonhar, criar interpretações dentro da realidade, tem consigo a sede de desconstruir a imagem.

As obras apresentam uma tridimensionalidade aparente dada pela fotografia que é, por sua vez, filtrada pelo imaginário dos personagens e cores da pintura.

A luz da fotografia oferece esta dualidade, onde está o real e o imaginário!

Helena Gonçalves
Abril 2005, Lisboa.